

NOCTURNAL

Desenhos □ Óleos □ Esculturas

Convento dos Capuchos

Julho / Agosto

1987

Do Branco ao Negro

Ontem fora o branco, hoje será o negro. Primeiro, a possibilidade de distinguir as variações sensíveis de branco, o modo como o banco do fundo, o muro, atinge e suporta o branco e a forma da imagem, o quadro, a escultura. De admitir que as fronteiras da cor, os limites, se atraiam, num longo arco de círculo, oficiem um chamamento, se completem, enfim. A sedução de uma interpela, sempre, a fascinação da outra. Isto, afinal, como projecto e sequência de exposições que, neste espaço recatado, límpido, de mosteiro, têm vindo a acontecer com o desenrolar dos Festivais de Música. Agora que o negro é a acção, o branco será o seu repouso; a pintura, o desenho, a gravura e, ainda, o trabalho do escultor assentam suas sombras coloridas, um negro-cinza seco ou então luminoso, sobre o branco da cal e da pedra antiga.

Que têm, porém, estes artistas entre si, tão diferentes que são, de facto, cada qual nada sabendo, ou lembrando sequer, naquilo que traz ao mundo, do sonho do seu vizinho? Será interessante verificar como em todos eles a matéria é significativa e como concorre, numa espécie de eficácia física, corpórea, para estruturar as cinco diversas atitudes dos cinco artistas. Mesmo a desmaterialização tão indispensável à existência da obra de arte, à passagem do objecto para um absoluto de meditação, faz-se partindo de uma clareza oficial que tem na matéria que o artista trabalha o seu início e excitação. Assim com os enigmas de Joaquim Bravo: a sombra é matéria, sim, mas ténue, como que um véu atrás das coisas; o que vai adensá-la, é que, por cima, à frente, se interpõe, fazendo dela espaço. É o choque combinado das duas matérias com a mesma natureza que criam a imaterialidade, o abstracto. O mesmo, quasi, com David de Almeida: mas, aí, há a ilusão da passagem de um material a outro, ilusão e alusão. A nossa sensibilidade ao remoto e, também, a uma espécie de anseio lunar, de antes de Amstrong. Uma referência à passagem dos Deuses, talvez. O desenho de Jorge Martins, esse é uma construção poética sem enfiamentos Morais do bem e do mal, ele só é no entanto a luta, risco a risco, da luz e da sombra: só tapando a luz ela se adivinha ou aparece por dentro da sombra. A matéria que existe é o desenho, a luz ou negro? Os dois escultores trabalham ambos o mesmo cinzento que é único entre todos os cinzas: a ardósia, pedra perdida e agora reencontrada pela obra jovem da escultura portuguesa. Luís Cruz, talha naquela pedra macia e também difícil, os seus peixes sombrios, caprichosos de forma, enxutos na seda submarina que a ardósia lhes oferece. Alguns deles confundem-se com a rocha submersa, são-lhe iguais. Rui Matos procura agora um recorte que passe do volume à silhueta, um recorte nítido e referenciado aos utensílios. São sinais, em contraluz, do homem à superfície da terra, desenhando-se nobremente de encontro aos muros brancos. Como aqui, de resto, no Convento dos Capuchos estas suas obras e as dos outros artistas, se suportam a si mesmas de encontro aos séculos de branco, todas elas convidando, na sua essência, a um outro espaço de musicalidade que predaciam e acolhem.

Fernando de Azevedo